

Recebido em ago. 2013

Aprovado em nov. 2013

O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE *FETICHISMO* NAS OBRAS DE FREUD *

FÁBIO CÉSAR DA SILVA **

RESUMO

O objetivo desse artigo é descrever o conceito de *fetichismo* nas obras de Sigmund Freud (1856-1939), demonstrando que houve um desenvolvimento desse conceito nas obras freudianas no sentido de elaborar uma teoria mais geral da psique humana seguindo uma ordem razoavelmente cronológica.

PALAVRAS-CHAVE

Fetichismo. Complexo de Castração. Clivagem do Eu. Sigmund Freud. Psicanálise.

* O presente artigo corresponde, com algumas modificações, a uma seção da dissertação *O Fetichismo da Mercadoria Cultural em T.W. Adorno*, defendida em 16 de Maio de 2012 como requisito de obtenção do título de Mestre em Estética e Filosofia da Arte do Departamento de Filosofia da UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO, Minas Gerais.

** Mestre em Estética e Filosofia da Arte pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO e Professor de Filosofia no INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA-ISEAT/FUNDAÇÃO HELENA ANTIPOFF-FHA (UEMG). Suas pesquisas atuais tratam sobre a exegese de T. W. Adorno, focalizando a relação entre estética e política.

ABSTRACT

The aim of this paper is to describe the concept of *fetishism* in the works of Sigmund Freud (1856-1939), demonstrating that there was a development of this concept in Freudian works toward to elaborate a more general theory of the human psyche following a reasonably chronological order.

KEYWORDS

Fetishism. Castration Complex. Splitting of the Ego.
Sigmund Freud. Psychoanalysis.

O primeiro estudioso a tratar do *fetichismo* como conceito referente ao psiquismo humano foi o psicólogo francês Alfred Binet (1857-1911) através de dois artigos publicados em 1887 denominados de *Le Fétichisme Dans L'amour* (O Fetichismo no Amor)¹. Na verdade, esse conceito era notório no meio intelectual da época por já existir uma recepção disseminada dos textos antropológicos de Charles De Brosses (1709-1777)². Para Brosses, o *fetichismo* se refere a um tipo de pensamento que operaria através de cultos de objetos inanimados, de divinizações de animais e de fenômenos irregulares da natureza. Para identificar esse tipo de pensamento, Brosses se baseou em relatos de navegadores portugueses que descreveram as maneiras de cultos de tribos africanas da Guiné e da África Ocidental. Não por acaso, o termo *fetichismo* formulado por Brosses é originado de uma derivação do termo *fetisso* da língua portuguesa antiga que corresponde à palavra *feitiço* do português atual. Desse modo, quando Binet usou o conceito de *fetichismo* para a psicologia referindo à manifestação de perversões sexuais, ele manteve sua acepção basilar da Antropologia já referendada de que há uma imbricação entre o progresso histórico “natural” da humanidade, a filogênese, com o desenvolvimento do indivíduo, a ontogênese.

¹ Há a seguinte edição em francês: BINET, Alfred. *Le Fétichisme Dans L'amour*. Paris: Payot et Rivages, 2001.

² Charles de Brosses era membro da Académie des Inscriptions et Belle-Lettres de Paris, além de ser um dos colaboradores da famosa *Encyclopédia* de Diderot e d'Alambert.

Para esse uso do *fetichismo* como termo referente às perversões sexuais, Binet estipulou-se um certo discurso clínico de normalização, cujos sentidos de normalidade e de perversidade estariam muito arraigados à ideologia das ciências da época. Desse modo, o discurso científico sobre o sexo se iniciou submetido a uma taxonomia e a uma valoração dos modos de configuração do desejo e das práticas sexuais. Não é por acaso que o termo *fetichismo* é usado junto a uma gama de conceitos de ordem taxonômica, como o *sadismo*, o *masoquismo*, o *voyeurismo*, as *inversões*, o *exibicionismo*, dentre outros. Muito embora esse primeiro termo possua uma história conceitual já bem consolidada em relação a esses últimos, que são mais recentes, coincidindo com a própria origem da psicologia clínica (Cf. SAFATLE, 2010, p. 22).

Com isso, Binet começou a descrever o *fetichismo* sexual em analogia ao *fetichismo* religioso, afirmando que o indivíduo acometido pelo fetiche era um adorador que atribuiria poderes sobrenaturais aos objetos naturais e inanimados, com a única diferença de que no fetiche erótico ele substituíria a adoração religiosa pelo apetite sexual. Para Binet, esses comportamentos sexuais praticados por certos indivíduos se configuram em desvios da função fundamental das necessidades genitais, cuja finalidade é de reprodução da espécie. É pelo fato de ser um desvio dessa finalidade que o fetiche não seria considerado normal, pois se fixa no prazer exclusivo do órgão, tornando-se uma perversão.

Com isso, Binet postulou três características gerais que tipificam o *fetichismo* como perversão: [1] a *exageração*; [2] a *abstração*; e [3] a *generalização*. A *exageração* seria a ênfase dada pelo fetichista às partes secundárias sexuais em detrimento das totalidades sexual, moral e física da pessoa amada. Isso quer dizer que a pessoa acometida pelo *fetichismo* não escolheria o objeto de desejo mediante suas atribuições físicas e de caracteres, isto é, a pessoa “desejada” não seria vista em sua totalidade e em sua especificidade, como pessoa dotada de virtudes, de defeitos e de atrativos físicos mais totais, pelo fetichista. No que concerne à *abstração*, ela caracterizaria como a impossibilidade de o fetichista se ater à função geral do ato sexual como reprodução da espécie em detrimento de uma função atomizada no próprio objeto ou nas partes do corpo da pessoa “desejada” com a finalidade de simples gozo. A *generalização*, por sua vez, seria a incapacidade de o fetichista de se ater a uma pessoa desejada em particular devido à projeção que ele faz de um objeto desejado em sua mente. Sob essa perspectiva, o fetichista nunca adora uma pessoa em sua especificidade, pois essa pessoa é apenas uma acomodação objetal a um esquema mental produzida pelo fetichista por meio de uma generalização, digamos, por uma ideia geral e pré-formada da pessoa. Segundo Binet, o fetichista está numa espécie de virtualidade com o mundo real, ou seja, é como se os objetos da realidade fossem inferiormente categorizados em relação à imagem pré-formulada

em sua percepção mental. A imagem e os processos imaginativos teriam um tipo de primado de satisfação de prazeres mais eficientes do que os objetos reais ³.

Em relação ao termo *fetichismo* na obra de Sigmund Freud (1856-1939), ao que tudo indica, houve um desenvolvimento desse conceito nas obras freudianas no sentido de elaborar uma teoria mais geral da psique humana seguindo uma ordem razoavelmente cronológica. Assim, o primeiro texto em que se encontra esse conceito é *Três Ensaio sobre a Teoria Sexual* (1905), onde o *fetichismo freudiano* não se distinguiu muito das concepções de Alfred Binet. Posteriormente, Freud desenvolveu uma relação entre o *fetichismo* e o *recalcamento parcial* num texto denominado de *Sobre a Gênese do Fetichismo* proferido numa reunião da Sociedade de Psicanálise de Viena, em 1909, contribuindo para uma renovação original do conceito. Logo mais tarde, na obra *Uma Lembrança de Infância de Leonardo da Vinci* (1910), Freud vinculou o *fetichismo* ao *complexo de castração*, contribuindo, de maneira original, ao tema. Finalmente, Freud escreveu um texto específico sobre esse tema denominado de

³ A ideia de uma virtualidade do mundo real é semelhante ao que muitos antropólogos pensavam, antes do século XX, sobre os povos “selvagens”. Os “selvagens” teriam uma visão de mundo acomodada aos produtos de suas projeções mentais feitos da realidade. A explicação disso para muitos estudiosos era pelo fato de que esses povos não possuíam ainda uma cognição que possibilitasse a manipulação do mundo. Para eles, o mundo seria, de certo modo, mais “subjetivo” do que “objetivo”, tendo em vista que a própria observação do mundo como um dado objetivo pressuporia uma ação técnica diante dele.

Fetichismo (1927), onde ele apontou vários assuntos pertinentes e inovadores ao assunto, sobretudo, fazendo uso do conceito de *dementido* (*Verleugnung*) para diferenciar o *recalcamento* proveniente de fetiches de um *recalcamento* (*Verdrängung*) já conhecido manifestado na *neurose* e na *psicose*. Além disso, nesse texto de 1927, Freud sugeriu uma relação entre o processo de *fetichismo* e a *clivagem do Eu* que foi tema de um texto seu, incompleto e publicado de modo póstumo, denominado de *A Divisão do Ego no Processo de Defesa* (1938). Embora esse último texto não trate em específico sobre o *fetichismo*, ele é muito importante para o assunto, pois traz uma chave de leitura para se entender o peculiar processo de seu *recalcamento*. Diante disso, pode-se considerar o *fetichismo freudiano* inserido em cinco momentos distintos através das respectivas obras:

[1] *Três Ensaios sobre a Teoria Sexual* (1905), mantendo a concepção de Binet.

[2] *Sobre a Gênese do Fetichismo*, comunicação apresentada para a reunião da Sociedade de Psicanálise de Viena, em 1909, em que há uma relação entre *fetichismo* e o *recalcamento parcial*, estabelecendo já uma concepção freudiana original do termo.

[3] *Uma Lembrança de Infância de Leonardo da Vinci* (1910), vinculando o *fetichismo* ao *complexo de castração* e contribuindo novamente para uma concepção original.

[4] *Fetichismo* (1927), relacionando o conceito de *fetichismo* ao do *dementido* (*Verleugnung*) e estabelecendo uma relação entre o processo de fetiche e a *clivagem do Eu*.

[5] *A Divisão do Ego no Processo de Defesa* (1938), confirmando as afirmações do texto *Fetichismo* sobre a *clivagem* e o *desmentido*.

Com isso, a meu ver, Freud desenvolveu o conceito de *fetichismo* de maneira satisfatória no texto *Fetichismo* de 1927, tendo como preâmbulos os textos *Três Ensaios sobre a Teoria Sexual* (1905), *Sobre a Gênese do Fetichismo* e *Uma Lembrança de Infância de Leonardo da Vinci* (1910), além do texto *A Divisão do Ego no Processo de Defesa* (1938) como um tipo de adendo. Assim, seguirei esse pressuposto interpretativo, demonstrando o desenvolvimento do conceito de *fetichismo* nas respectivas obras de Freud supracitadas, com intuito de esclarecer de modo mais apurado seu sentido, digamos, freudiano.

OS TEXTOS PREAMBULARES DA OBRA *FETICHISMO*

No início do texto *Três Ensaios Sobre a Teoria Sexual* (1905), Freud menciona o termo *fetichismo* mais precisamente numa seção denominada de *Desvios Relativos ao Objeto Sexual* do primeiro capítulo intitulado de *As Aberrações Sexuais*. Talvez essa obra, excluindo a *Interpretações dos Sonhos*, seja uma das que mais sofreu modificações e acréscimos, pois foram acrescentadas notas durante as novas edições, num período de vinte anos de sucessivas edições publicadas em 1910, 1915 e 1920. Apesar disso, Freud não acrescentou nada de novo nessa obra sobre o *fetichismo* que Binet já não tivesse postulado, a não ser sobre dois aspectos. No que se refere ao primeiro aspecto, Freud afirmou que a sexualidade deriva de impressões

anteriores aos cinco ou seis anos de idade, contrariando a afirmação de Binet que declarou que tais impressões só surgiam dessa idade em diante, conforme uma nota de 1920: “Além do mais, todas estas ‘primeiras’ impressões sexuais se relacionam com uma época após a idade de cinco ou seis anos, ao passo que a psicanálise põe em dúvida se novas fixações patológicas podem ocorrer tão tarde assim” (FREUD, 1972a, p. 156). No que se refere ao segundo aspecto, Freud pareceu dar os primeiros sinais do vínculo entre *fetichismo* e o *complexo de castração*, e mesmo do *complexo de Édipo*, quando afirmou que por trás da primeira recordação do surgimento do fetiche existe uma fase submersa e esquecida do desenvolvimento sexual. Como consta nessa mesma nota supracitada de 1920:

O fetiche, como uma “recordação encobridora”, representa esta fase [fase submersa e esquecida de desenvolvimento sexual] e é assim um remanescente e um precipitado dela. O fato de que esta fase infantil primitiva se volta no sentido do fetichismo, assim como a escolha do próprio fetiche, são determinados constitucionalmente (*Ibidem*, p. 156).

Freud começa o texto “*Três Ensaios*” apontando que a existência das necessidades sexuais tanto no homem como no animal é efetivada através da pulsão sexual denominada de *libido*. Embora na época houvesse afirmações comuns de que essa pulsão seria bem definida e estável, as constatações empíricas de Freud contradisseram essas afirmações, demonstrando que a *libido* humana é bem mais instável e indefinida do que muitos poderiam pensar. Isso foi comprovado

por inúmeras evidências de desvios sexuais que não seguiam uma suposta norma sexual. Desse modo, Freud formulou dois termos para tentar esclarecer os desvios sexuais: [1] o *objeto sexual*, que corresponderia à pessoa de que a atração sexual se origina; e [2] o *alvo sexual*, que corresponderia à ação para qual a pulsão se dirige. Seguindo esses termos, pode-se classificar dois tipos de desvios sexuais: [a] desvios sexuais com relação ao *objeto sexual*, tendo como exemplos: a inversão (homossexualismo); a zoofilia (os animais como objetos sexuais) e a pedofilia (as pessoas sexualmente imaturas como objetos sexuais); [b] desvios sexuais com relação ao *alvo sexual* que desviariam da finalidade de reprodução da espécie. Esse último tipo de desvio se divide, por sua vez, em duas subdivisões, a saber, [2.1.] as *transgressões anatômicas* desviantes da sexualidade genital, tal como a felação, o sexo anal e o *fetichismo* (de modo inacreditável, classificado por Freud nessa subdivisão) e [2.2.] a *fixação em alvos sexuais preliminares*, tal como *voyeurismo*, o *sadismo* e o *masoquismo*.

Como já foi mencionada, a acepção de *fetichismo* que Freud sugeriu nesse texto é idêntica a de Binet, entendendo-o como desvio do *alvo sexual*. O *alvo sexual*, digamos, correto seria eminentemente genital, pois o sexo teria a finalidade de reprodução. Desse modo, consideram-se desvios todos os comportamentos sexuais em que haveria uma mudança desse alvo para uma parte do corpo distinta dos genitais ou para objetos inanimados relacionados por associação ao *objeto sexual*. Como aponta Freud:

O que se coloca em lugar do objeto sexual é alguma parte do corpo (tal como o pé ou os cabelos) que é, em geral, muito inapropriada para finalidades sexuais, ou algum objeto inanimado que tenha relação atribuível com a pessoa que ele substitui e, de preferência, com a sexualidade dessa pessoa (por ex. uma peça de vestuário ou de roupa íntima). Tais substitutos são, com alguma justiça, assemelhados aos fetiches em que os selvagens acreditam estarem incorporados os seus deuses (FREUD, 1972a, p. 154-155).

Embora Freud considerasse que o *fetichismo* é um tipo de desvio sexual nessa obra, ele declarou também que o fetiche poderia estar presente em todas as pessoas que estivessem apaixonadas, caracterizando-se como desvio apenas quando haveria uma predominância exacerbada e exclusivista do objeto fetichizado em detrimento do *alvo sexual* direcionado à reprodução. Assim, como afirma Freud:

Certo grau de fetichismo, portanto, está habitualmente presente no amor normal, especialmente naqueles seus estágios em que o objetivo sexual normal parece inatingível ou sua consumação é impedida [...] (*Ibidem*, p. 155).

Mais uma vez, essa afirmação de Freud segue à risca o que Binet teria postulado em seus escritos sobre a presença do *fetichismo* em pessoas ditas normais, diferenciando, desse modo, o indivíduo, digamos, normal do patológico apenas pelo grau de fetiche.

Em suma, as conclusões de Freud sobre o *fetichismo* e a sexualidade humana nesse texto não fugiram das postulações já feitas pelos estudiosos da época que versaram sobre esses assuntos. Tal como a

postulação de que a sexualidade humana é originalmente polimórfica perversa na infância, caminhando por sucessivos recalques e repressões para a vida adulta através da evolução ou da maturação em busca de um princípio de unificação pela centralidade genital. Na verdade, a efetivação desse princípio corresponderia à última fase da sexualidade humana, tendo a obtenção de prazer como finalidade subjacente e natural de reprodução da espécie. Desse modo, os desvios dos *alvos sexuais* seriam considerados estagnações em fases anteriores a essa última. Em suma, nesse escrito de Freud, suas postulações não avançariam no sentido de obter formulações teóricas que ultrapassassem o que os estudiosos da época pensavam.

Como já foi mencionado, depois da obra “*Três Ensaio*”, Freud voltou a tratar do assunto *fetichismo*, em 1909, num artigo apresentado e não publicado numa reunião da Sociedade de Psicanálise de Viena intitulado de *A Gênese do Fetichismo* (1909). Nesse artigo, Freud dá um passo adiante, de maneira inovadora, em relação a suas formulações, porque acrescenta a ideia de *recalcamento parcial* ao conceito de *fetichismo*. Nele, Freud analisou um caso de um paciente, um jovem filósofo de 25 anos, extremamente elegante e educado, que era acometido pelo fetiche por roupas. Durante as sessões de psicanálise, Freud notou que o paciente sempre dobrava, de modo meticuloso, a calça ao se deitar no divã. Pela observação desse pequeno detalhe, Freud inferiu que o paciente revelava uma preocupação exacerbada por roupas. Realmente, foi constatado pelas entrevistas que o jovem

tinha impotência sexual, focando todo seu interesse libidinal em mulheres que se vestiam de roupas impecáveis e extremamente elegantes. Para Freud, o fetiche do rapaz tinha uma correlação com sua opção de trabalho altamente especulativo como filósofo, cujo interesse pelas coisas reais era substituído pelo interesse pelas palavras, tal como a substituição das mulheres pelas roupas.

Para explicar como surgiu o fetiche do rapaz, Freud comentou que o rapaz tinha o hábito de se despir junto à mãe na infância, criando, desse modo, uma atmosfera de sensualidade e de atração por ela que deveria ser de toda maneira reprimida. Num primeiro momento, a repressão se manifestou configurada em *voyeurismo*; num segundo momento, configurada em *fetichismo* por roupas, especialmente por peças íntimas femininas. Com isso, Freud formulou a hipótese de que existia um tipo de repressão que fez com que o rapaz desenvolvesse o fetiche:

[...] um tipo de recalçamento instituído através da clivagem do complexo [representativo]. Uma parte é genuinamente recalcada, enquanto a outra é idealizada, o que no nosso caso significa que ela é elevada a fetiche (FREUD, 1988, p. 155 *apud* SAFATLE, 2010, p. 53)⁴.

Aqui já podemos entender o segundo passo que Freud deu para uma concepção inovadora de *fetichismo*, que é a seguinte: essa clivagem a que ele se refere é o *recalçamento parcial da pulsão*. Embora o *fetichismo* do jovem filósofo se estendesse às atividades

⁴ FREUD, S. *On The Genesis of Fetishism*, p. 155. *The Psycho-analytic Quartely*, 1988, n. 57, p. 155.

coprófilicas e ao fetiche por pés, por botas e por odores, em relação ao fetiche por roupas, o prazer escopófilo⁵ foi reprimido, porém o complexo representativo instituído pelo corpo feminino materno e pelas suas roupas foi clivado. Essa separação do objeto fez com que o prazer escopófilo pudesse ser invertido naquilo que impediu a visão do corpo nu, a saber, as roupas transfiguradas em fetiches idealizados⁶. O terceiro passo dado por Freud no desenvolvimento do conceito de *fetichismo* foi vinculá-lo ao *complexo de castração* de maneira mais enfática na obra *Leonardo da Vinci e uma Lembrança da sua Infância* (1910), analisando o artista e cientista do Renascimento Leonardo da Vinci. Na verdade, desde 1907, Freud já teria postulado o *complexo de castração* com a acepção tal como a conhecemos. Grosso modo, essa acepção é entendida como o processo psíquico que ocorre em todas as

⁵ Relativo à escopofilia: prazer sexual em olhar órgãos genitais (escopofilia ativa) ou desejo patológico de ser visto (escopofilia passiva).

⁶ Interessante notar que essa ideia do fetiche feito por idealização se vale muito da ideia de *generalização* do *fetichismo* em Binet, já mencionada, em que o indivíduo acometido pelo fetiche prefere o gênero ao objeto específico. Ao que tudo indica, a idealização é um ponto fulcral do processo de *fetichismo*, pois transfigura o objeto, em suas qualidades sensíveis e peculiares, a uma imagem ideal e ascética advinda das projeções libidinais do indivíduo fetichista. Com efeito, o *fetichismo* poderia ser mais bem entendido como um processo de formulação, de elaboração de ideias feitas de maneira sofisticada a partir de um objeto e não tanto como uma mera fixação de comportamentos de uma fase anterior à fase da maturação sexual.

peças quando crianças. Esse processo começa com a formação de uma crença infantil caracterizada pela ideia de que todas as pessoas possuam pênis. Logo mais tarde, a descoberta de que as mulheres não tivessem pênis ativava nas crianças um medo originário e filogenético de ser castradas.

Nessa obra⁷, Freud analisou os traços da personalidade de Leonardo da Vinci, demonstrando por

⁷ Dignos de notas são as críticas desfavoráveis feitas a essa obra freudiana surgidas quando foi publicada, fazendo com que ela não fosse tão bem aceita por parte do público. Entre essas críticas, pode-se elencar as três mais contundentes. A primeira crítica se refere a um erro de tradução por parte de Freud na descrição de uma fantasia infantil relatada por Leonardo em sua biografia. Freud traduziu erroneamente a palavra *nibio* do italiano arcaico, correspondendo à palavra *nibbio* do italiano moderno, pela palavra alemã *Geier* ou abutre em português. Na verdade, *nibio* significa milhafre ou ave de rapina. Isso gerou uma certa desconfiança dos leitores diante da aproximação feita por Freud entre o abutre e a figura da mãe associada a mitologia antiga egípcia. Nessa mitologia, o abutre é uma representação andrógina, correspondendo à figura da mãe possuidora de dois sexos. Freud fez uso dessa ideia mítica para explicar a fantasia infantil de Leonardo através da figura do abutre, de modo errôneo, como origem de seu *complexo de castração*, pois Da Vinci não teria aceitado uma total castração materna por ter afigurado a representação da mãe em caráter andrógino. A segunda crítica, por sua vez, reporta-se ao fato de que os argumentos psicanalíticos de Freud estavam embasados em biografias, cuja veracidade é sujeita a desvios de análise, além de elas serem fontes secundárias, apesar de Freud ter usado os mais respeitados biógrafos. Por fim, a terceira crítica se refere ao fato de que as análises de Freud não terem sido direcionadas aos aspectos dos *motivos* das pinturas ou da disposição **[Continua]**

argumentos psicanalíticos que eles surgiram a partir do que Freud denominou de *fantasia originária* (*Urphantasie*). Com efeito, os traços de personalidade mais marcantes de Da Vinci, como o homossexualismo latente, o assexualismo manifesto, a excepcional capacidade de sublimação, a infantilização e a inibição para finalizar projetos e obras, estariam ligados a esse tipo de fantasia. A *fantasia original* era entendida por Freud como fantasias infantis que sobressaiam em relação às outras fantasias porque elas teriam a finalidade de estruturar o modo de desenvolvimento do sujeito, bem como a maturação sexual. Além disso, essas fantasias estariam relacionadas ao *complexo da castração*, à concepção e ao nascimento de forma filogenética.

Freud fez nesse texto uma descrição da sexualidade de Da Vinci e de sua atividade artística através de seu desenvolvimento psíquico. Leonardo era filho ilegítimo e com isso foi privado da presença do pai até os cinco anos, tendo sido criado aos cuidados da zelosa e sedutora mãe. Em geral, toda criança teria um desejo pela mãe substituído, em seguida, pelo

[Continuação da Nota 7] formal dos seus conteúdos, mas sim aos aspectos do caráter de Da Vinci. Isso faria com que os argumentos de Freud caíssem na falácia intencional, ou seja, Freud desconsiderou o caráter formal das obras de Leonardo, enfatizando os aspectos subjetivistas do sujeito artista ou do “artista empírico”, e não do artista como criador da obra que relacionaria às categorias da Arte inseridas numa tradição cultural. Enfim, embora essas três críticas sejam altamente pertinentes, elas se desdobrariam em outros assuntos que não poderiam ser tratados no presente artigo por questões de delimitação de tema.

desejo pelo pai. Com isso, a criança identificaria com ele para, posteriormente, suplantá-lo pelo *complexo de Édipo*. Pela análise de Freud, no caso de Da Vinci, a fase do desejo pela mãe teria sido muito precoce e intensa, não passando para outras fases devido à ausência do pai. Na fase que ficou aos cuidados da mãe, Leonardo desenvolveu de maneira exacerbada suas pesquisas sexuais infantis, fazendo com que seus instintos de ver e de saber fossem sobremaneira excitados pelas impressões mais remotas de criança ⁸.

Com isso, a *fantasia originária* de Da Vinci se formou pela ideia de que o pênis pudesse ser associado apenas à figuração da mãe como uma substituição do pai ausente, ocasionando uma passividade feminina e uma aversão ao sexo. Isso se deu pelo fato de que, para ele ter como objeto de amor uma mãe “falicamente”

⁸ Além disso, Freud reafirma nesse texto sua tese anteriormente formulada e contrária à tese de Binet de que a sexualidade da criança começaria antes dos cinco ou seis anos, determinando sua conduta posterior. Essa reafirmação é constatada quando Freud declarou que a falta do pai de Da Vinci, numa fase primordial de sua vida, marcou pelo resto de sua vida através das impressões assinaladas numa fase primordial. Assim, mesmo ficando ao lado do pai depois dessa fase, a presença dele não poderia surtir efeitos em sua maturação sexual, como Freud aponta: “O cuidado que seu pai demonstrou, mais tarde, em nada conseguiu alterar esta compulsão [de não terminar seus projetos]; porque a compulsão derivada das impressões dos primeiros anos de infância, e o que foi reprimido e se tornou inconsciente, não pode ser corrigido pelas experiências futuras” (FREUD, 1972b, p. 111). A primeira afirmação dessa tese foi feita, conforme mencionada, na obra *Três Ensaios Sobre a Teoria Sexual* (1905).

figurada, só poderia ser possível pela afirmação de uma posição feminina ou pela inibição do sexo. Desse modo, com a aceitação parcial da castração, há uma aversão à mãe “falicamente” figurada que poderia acarretar num comportamento homossexual, numa impotência ou numa misoginia, fazendo com que a *fantasia original* distorcesse de tal modo até ficar irreconhecível. Essa distorção é evidenciada quando Leonardo relata uma memória infantil⁹, localizada em seus apontamentos científicos, de que uma ave de rapina pousou em seu berço, introduzindo-lhe a cauda em sua boca:

Parece que já era meu destino preocupar-me tão profundamente com abutres (*sic*); pois guardo como uma das minhas primeiras recordações que, estando em meu berço, um abutre (*sic*) desceu sobre mim, abriu-me a boca com sua cauda e com ela fustigou-me repetidas vezes os lábios (FREUD, 1972b, p. 76.).

Diante disso, Freud sugeriu que o *fetichismo* poderia ser uma possível saída para a sexualidade de Leonardo, porque ele poderia manter, ao mesmo tempo, a fantasia do monismo fálico e instrumentá-la, fazendo com que o *complexo de castração* desenvolvesse o *fetichismo*. Assim, o fetiche seria entendido como uma representação que substituiria o pênis feminino formado pela *fantasia original*, em que o indivíduo ignorasse a diferença sexual, mesmo sabendo dela pela ameaça de castração:

⁹ Freud desconfiou que fosse uma recordação real de Da Vinci pelo seu teor ficcional e fantasioso. Poderia ter sido uma fantasia que ele criou posteriormente, remetendo em seguida à sua infância.

Porém a fixação no objeto antes tão intensamente desejado, o pênis da mulher, deixa traços indeléveis na vida mental da criança, quando esta fase de sua investigação sexual infantil foi particularmente intensa. Um culto fetichista cujo objeto é o pé ou calçado feminino parece tomar o pé como mero símbolo substitutivo do pênis da mulher, outrora tão reverenciado e depois perdido. Sem o saber, os *coupeurs de nattes* [pervertidos que sentem prazer em cortar o cabelo das mulheres] desempenham o papel de pessoas que executam um ato de castração sobre o órgão genital feminino (*Ibidem*, p. 89).

A OBRA *FETICHISMO* (1927)

O texto *Fetichismo* (1927), ainda que não seja um texto muito extenso, é a única obra escrita por Freud que trata especificamente sobre o assunto do *fetichismo*. Nesse texto, Freud começa declarando que teve a oportunidade de analisar certo número de pacientes do sexo masculino que manifestavam comportamentos de fetiche sexual por objetos. Um ponto curioso notado por Freud foi o fato de que esses pacientes raramente se queixavam de qualquer tipo de sofrimento psíquico, apesar de saberem que seus comportamentos fetichistas eram anormais. Na verdade, o que acontecia era justamente o contrário, pois eles declaravam que se sentiam plenamente satisfeitos com seus respectivos fetiches, sendo que, em muitos casos, até os louvavam como um modo de enriquecimento da vida sexual. Com efeito, é por essa razão que o *fetichismo* poderia ser descaracterizado como uma patologia psíquica e excluída do rol de uma

taxonomia de doenças mentais. De alguma forma, isso também explicaria a razão pela qual o fetiche era considerado uma “descoberta lateral” (*Nebenbefund*) na prática psicanalítica da época de Freud.

Como se sabe, a psicanálise trabalha através da técnica de interpretação, juntamente com a transferência, com a finalidade de trazer à tona os conflitos inconscientes causados por conteúdos psíquicos recalçados e não resolvidos à consciência por um tipo de descrição de suas genealogias. Desse modo, seria possível uma cura através da resolução desses conflitos por meio de uma catarse¹⁰ do paciente pela técnica de interpretação. Na verdade, o que o psicanalista faz é propor uma rememoração da origem conflituosa ao paciente pela técnica de transferência, visto que há nele uma certa resistência em aceitar tais conflitos. Esses conflitos geralmente são causados por desejos opostos (*gegensätzliche Wunscherfüllungen*) que se gladiam em busca de uma mesma expressão e se recalcam por serem insuportáveis aos indivíduos acometidos por eles. É por essa razão, como causador de sofrimentos psíquicos, que esses desejos conflituosos estariam relacionados à sintomatologia de doenças psíquicas.

¹⁰ Catarse origina-se da palavra grega *kátharsis* que significa um tipo de purgação “psíquica” das paixões do expectador diante da encenação de uma tragédia. Interessante o posicionamento de Clement Rosset (1939), considerando a psicanálise como uma *Filosofia trágica*: “A pulsão de morte, como potência da discórdia, em oposição à pulsão de vida, seria o signo mais eloquente da inscrição do discurso freudiano no registro trágico” (*Apud* BIRMAN, 2003, p. 73).

Todavia, haveria no *fetichismo* uma suspensão desses conflitos, de maneira engenhosa, que isentaria o indivíduo fetichista de sofrimentos psíquicos. Com isso, não faria sentido afirmar que há cura do *fetichismo* porque não existiriam experiências de sofrimentos psíquicos típicas de uma patologia causadora de transtornos por parte do paciente fetichista. É bem provável que o fetiche possa ser considerado um exemplar da aporia de cura psicanalítica.

É sob essa rubrica que Freud deu um teor diferenciado a esse referido texto, por pensar que as explicações científicas sobre o fetiche sempre se tornariam problemáticas nas formulações de hipóteses de suas origens:

Por motivos evidentes, os pormenores desses casos não podem ser publicados; não posso, portanto, mostrar de que maneira as circunstâncias acidentais contribuíram para a escolha de um fetiche (FREUD, 1996, p. 155).

É por isso que Freud optou por descrever poucos casos reais de *fetichismo*, fazendo uso de explicações de teor mais especulativo. Além disso, a afirmação de que o fetiche não seria estritamente patológico é colocada em outros termos quando Freud aponta que o fetichista teria duas vantagens em relação ao homem dito normal. Primeiro, porque o significado do fetiche não é de conhecimento de todos, desse modo, não se pode retirá-lo; segundo, porque o fetiche é de tão fácil acesso que a satisfação sexual ligada a ele pode ser imediatamente efetivada, como aponta Freud: “Aquilo pelo qual os outros homens têm de implorar e se esforçar pode ser tido pelo fetichista sem qualquer dificuldade” (*Ibidem*, p. 157).

Apesar dos poucos casos de fetiche, Freud notou que aqueles relatados se revelaram surpreendentes, como foi o caso do jovem que possuía o fetiche de atribuir um certo tipo de “brilho do nariz” como requisito às mulheres serem consideradas por ele como objeto de desejo. Segundo a história pregressa desse jovem, ele foi criado na Inglaterra, mudando-se depois para Alemanha, onde esqueceu sua língua materna de maneira substancial. Para entender o fetiche desse paciente, Freud sugeriu que devesse considerar a origem de sua primeira infância, ou seja, teria de se ater a sua língua materna, o inglês, e não o alemão. O “brilho do nariz”, que em alemão é *Glanz auf der Nase*, era na verdade um “vislumbre (*glance*) do nariz”. O rapaz associou a palavra em alemão *Glanz* com a palavra em inglês *glance*, que significa “vislumbrar”, “olhar em direção a”. Essa associação revelaria um recalque da palavra em inglês *glance* investida de modo libidinal. Assim, o nariz tornou-se objeto de seu fetiche num processo de substituição de significantes, como se o rapaz percebesse um brilho luminoso imperceptível aos outros. Essa substituição de significantes feita pelo rapaz se dava por uma reificação do brilho do objeto, de uma propriedade imaterial, demonstrando a capacidade de projeção do sujeito fetichizado frente ao objeto exterior sem ser uma projeção do tipo alucinatória, tal como ocorre na *psicose*.

Além disso, nesse texto, Freud reafirma o que teria declarado na obra *Leonardo da Vinci e uma Lembrança da sua Infância* (1910) sobre o fetiche possuindo o significado e o propósito de um substituto

para o pênis. No entanto, um substituto de um pênis específico e muito especial que teve importância na primeira infância. É bom salientar que, quando Freud se referiu ao sintagma “pênis específico”, ele estaria se referindo à crença que as crianças teriam de que todas as pessoas possuiriam pênis, inclusive as mulheres. Como aponta Freud:

[...] o fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho outrora acreditou e que – por razões que nos são familiares – não deseja abandonar (FREUD, 1996, p. 155).

Na verdade, no fetiche não há o abandono por completo da ideia de que a mulher ou mãe possua pênis, mas sim preservação dessa ideia pelo temor de castração.

Essa preservação ocorre pelo fato de que o menino não admitiu que a mulher não possuísse o pênis, pois admitindo isso, admitiria que ela tivesse sido castrada e, conseqüentemente, ele também poderia ser castrado. Com efeito, a ameaça de castração feriria seu narcisismo que a Natureza por precaução pusera no pênis como órgão específico de reprodução ¹¹. Com isso, a tentativa de manter a ideia de que a mãe possuiria pênis se dá por vias de substituição, porque essa ideia já não condiria com a percepção da realidade dessa criança que, de algum modo, descobriu a castração materna.

¹¹ É por essa razão que Freud compara a intensidade do medo infantil de castração com a intensidade do medo que ocorre com algumas pessoas na vida adulta diante do temor de perder o poder institucionalizado, como, por exemplo, quando o “Trono” e o “Altar” são ameaçados e seus titulares fazem de tudo para recuperá-los.

No entanto, como substituto, o fetiche ganharia maior importância do que seu predecessor, pois se originou justamente pela ameaça da castração. Isso explica, sob o ponto de vista de Freud, a existência de uma aversão aos órgãos sexuais femininos em todos feticistas, sinalizando a repressão efetivada. Com efeito, o processo de *fetichismo* é um indício do triunfo de uma proteção contra a ameaça da castração, salvaguardando o feticista do homossexualismo, pois atribuía características toleráveis às mulheres como objetos sexuais. Como Freud mencionou: “Se não estou equivocado, Laforgue ¹², nesse caso, diria que o menino ‘escotomiza’ sua percepção da falta de pênis da mulher”. (*Ibidem*, p. 156). Escotomizar é como se dá o processo de escotomização ¹³, isto é, fenômeno descrito na demência precoce em que há apagamento total de percepções indesejáveis. No entanto, um caso novo como o *fetichismo* requerer uma nova concepção, pensa Freud, pois é necessário formular um novo conceito que justifique o seu processo de repressão *sui generis*. Desse modo, Freud declarou que não há, a rigor, uma *escotomização* no processo de *fetichismo*, mas sim o *desmentido*

¹² René Laforgue (1894-1962), psiquiatra e psicanalista francês.

¹³ Escotomizar vem do termo “escotoma” (do grego, *scotoma*, escuridão) que quer dizer uma região do campo visual que se configura pela perda total ou parcial da possibilidade visual. Foram os psicanalistas franceses René Laforgue (1894-1962) e Édouard Pichon (1890-1940) que usaram esse termo para explicar o modo como se estabelece o processo de psicose (Cf. SAFATLE, 2010, p.82).

(*Verleugnung*)¹⁴. Com isso, criou-se uma polêmica entre Laforgue e Freud sobre o verdadeiro significado de escotomização, como consta na seguinte citação:

Em 1925, uma polêmica opôs Freud a René Laforgue a propósito dessa palavra [escotomização]. Laforgue propunha traduzir por escotomização tanto a renegação (*Verleugnung*) quanto um outro mecanismo, próprio da psicose e, em especial, da esquizofrenia. Freud recusou-se acompanhá-lo e distinguiu, de um lado, a *Verleugnung*, e de outro, a *Verdrängung* (recalque). A situação descrita por Laforgue despertava a ideia de uma anulação da percepção, ao passo que a exposta por Freud mantinha a percepção, no contexto de uma negatividade: atualização de uma percepção que consiste numa renegação (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 245).

Digno de nota nesse texto é que além da evidência da imbricação entre o *complexo de castração* e o *fetichismo*, Freud postulou as três maneiras, digamos, de reação ao medo da castração que acomete a todos os indivíduos masculinos, tendo o *complexo de castração* como condição *sine qua non* da sexualidade humana masculina:

Provavelmente a nenhum indivíduo humano do sexo masculino é poupado o susto da castração à vista de um órgão genital feminino. Por que algumas pessoas se tornam homossexuais em consequência

¹⁴ Tradução mais aceita de *Verleugnung*, porque se assemelha as palavras do alemão *Lüge* (mentira) e *ableugnem* (desautorizar).

dessa impressão, ao passo que outras a desviam pela criação de um fetiche, e a grande maioria a supera, francamente não somos capazes de explicar. É possível que, entre todos os fatores em ação, ainda não conheçamos os decisivos para os raros resultados patológicos. Temos de nos contentar se pudermos explicar o que aconteceu, e deixar atualmente de lado a tarefa de explicar por que algo não aconteceu (FREUD, 1996, p. 157).

Freud salientou que quando se fala em órgãos ou objetos escolhidos como substitutos para o pênis ausente da mulher, poder-se pensar num substituto com as aparências do seu predecessor. Isso pode realmente ocorrer, mas não é fator determinante, pois no processo de substituição parece ocorrer um tipo de amnésia, mantendo guardada a última impressão visual antes do trauma do menino de constatar visualmente que a mulher não possuía pênis. Isso explicaria a causa e a preferência dos tipos de fetiche. O fetiche de pés ou de sapatos se originaria pela investigação visual do menino que começou olhando de baixo para cima, assim, os pés ou sapatos foram as últimas impressões visuais antes do trauma de constatar a ausência de pênis na mulher. Do mesmo modo, o fetiche por peles ou por veludos se originaria pelo mesmo modo de investigação, só que começando das pernas para cima. O fetiche com peças de roupas íntimas femininas, por sua vez, originar-se-ia no momento que a mulher antes de despir ainda era imaginada como fálica. No trecho a seguir do texto de Freud, esse processo originário do *fetichismo* fica bem claro:

Antes, parece que, quando o fetiche é instituído, ocorre certo processo que faz lembrar a interrupção da memória na amnésia traumática. Como nesse último caso, o interesse do indivíduo se interrompe a meio caminho, por assim dizer; é como se a última impressão antes da estranha e traumática fosse retida como fetiche. Assim, o pé ou o sapato devem sua preferência como fetiche – ou parte dela – à circunstância de o menino inquisitivo espiar os órgãos genitais da mulher a partir de baixo, das pernas para cima; peles e veludos – como por longo tempo se suspeitou – constituem uma fixação da visão dos pelos púbicos, que deveria ter sido seguida pela ansiada visão do membro feminino; peças de roupa interior, que tão frequentemente são escolhidas como fetiche, cristalizam o momento de se despir, o último momento em que a mulher ainda podia ser encarada como fálica. Não sustento, porém, ser invariavelmente possível descobrir com certeza o modo como o fetiche foi determinado (FREUD, *loc. cit.*).

Além do que foi exposto acima, encontram-se nesse texto as diferenças entre *fetichismo*, *neurose* e *psicose*, onde Freud afirmou que o estudo do *fetichismo* trouxe a oportunidade de questionar o que ele entendia até então por *neurose* e *psicose*. As concepções aceitas na ordem do dia eram as seguintes: na *neurose*, o *Eu* reprime um fragmento do *Isso* em prol do princípio da realidade; e na *psicose*, por sua vez, o *Eu* se deixa levar pelo *Isso*, desligando-se de um fragmento da realidade.

No que concerne à diferença entre *fetichismo* e a *neurose*, nessa última, a representação mental

indesejável é recalcada e o afeto é reprimido em outro tipo de afeto ou em angústia. Naquele primeiro, por sua vez, o afeto é recalcado e o complexo mental não se torna totalmente indesejável, mas se cliva numa parte recalcada e noutra idealizada, ou seja, há um recalque parcial. No entanto, há uma fase anterior de um processo de representação que deve substituir o pênis feminino considerado como objeto inexistente. Todavia, de que maneira se poderia substituir um objeto inexistente? Ora, considerando sua existência de forma ilusória, desmentindo sua inexistência. É aqui que se dá o *desmentido*, *Verleugnung*, considerado por Freud como uma contradição encarnada, pois não há um recalçamento da castração, mas um reconhecimento da castração e a conservação do pênis na mulher, dois julgamentos antagônicas manifestando no mesmo *Eu*. Como já foi dito, porém, agora nas palavras do próprio Freud: “desmentir uma representação mental consiste em, ao mesmo tempo, conservá-la (*bewahren*) e abandoná-la (*aufgeben*)” (Apud SAFATLE, 2010, p. 84).

Diante disso, a pergunta que surge é como que o processo de *fetichismo* desenvolve essa habilidade tão particular de resolução de conflitos psíquicos. Segundo Vladimir Safatle é pela “transferência de significado em direção a um traço atributivo idealizado” (SAFATLE, 2010, p. 86), isto é, há uma transposição de valor do significado do pênis para uma parte distinta do corpo ou para um objeto. O processo do *fetichismo* desloca o primado do pênis como parte sexual primordial e totalizante a uma parte do corpo ou a um

objeto associado à pessoa desejada, superando a fase da sexualidade polimórfica e fragmentada da infância. De modo paradoxal, quando se foca o primado fálico num objeto, mantém-se uma certa polimorfia sexual por atribuir a ele esse primado, que a rigor, deveria ser investido aos órgãos sexuais para completar o *complexo de castração* para daí superá-lo. Há de fato uma superação de fase, tendo em vista uma maturação sexual, porém, uma superação, digamos, “barroca”. Assim, mesmo Freud afirmando que o *fetichismo* é um substituto do pênis, ele não é estritamente uma mera substituição representacional dos objetos desejantes às pulsões parciais, mas sim transformação das funções desses objetos que se manifestam por associações.

No que concerne à diferença entre *fetichismo* e a *psicose*, dois casos analisados por Freud nesse texto puseram em questão o conceito de *psicose*: eram dois jovens, um quando tinha dois anos e outro quando tinha dez. Freud observou que os dois jovens, em suas respectivas idades, não conseguiram tomar conhecimento da morte de seus pais, ou seja, eles teriam a “escotomizado” e, no entanto, não desenvolveram uma *psicose*. Assim, um fragmento da realidade foi rejeitado pelo *Eu*, tal como a castração feminina é rejeitada pelo fetichista. Freud tentou resolver esse dilema, pois não poderia pensar que os dois jovens não tivessem “escotomizados” a morte dos pais mais do que um fetichista “escotomiza” a castração feminina. Todavia, o que ocorreu de fato foi a ocorrência de um paralelismo no processo da mente,

pois haveria uma determinada corrente na vida mental dos dois jovens que não reconheceu a morte dos pais e outra que era cônica do fato. A rigor, o que ocorria não era uma “escotomização”, como já se observou, típica da *psicose*, mas uma confluência de duas ideias antagônicas em que a percepção indesejável é reconhecida e anulada no mesmo indivíduo sem perder uma identidade unificadora. Com isso, Freud chegou, nesse texto, num momento de elaboração do *fetichismo*, cuja vinculação se estabeleceu por meio do que se denominou de *clivagem do Eu*. Como salienta Freud:

A atitude que se ajustava ao desejo e a atitude que se ajustava à realidade existiam lado a lado. Num de meus dois casos [dos dois jovens supracitados], a divisão constituía a base de uma neurose obsessiva moderadamente grave. Em todas as situações da vida, o paciente oscilava entre duas presunções: uma, de que o pai ainda estava vivo e atrapalhava suas atividades; outra, oposta, de que tinha o direito de se considerar como sucessor do pai. Assim, posso ater-me à expectativa de que, numa *psicose*, uma daquelas correntes – a que se ajustava à realidade – esteja realmente ausente (FREUD, 1996, p. 158-159).

Outro exemplo encontrado nesse texto que caracterizaria a *clivagem do Eu* é o caso de um fetiche no qual a *clivagem* se deu justamente no objeto fetichizado, tornando mais evidente a grande plasticidade da sexualidade humana. Isso reafirmou também o que Freud declarou sobre as descrições do *fetichismo* de que a percepção da castração feminina

poderia variar muito. Com efeito, pode-se encontrar rejeição ou afirmação da castração como formação do conteúdo do fetiche num mesmo caso. O caso que Freud analisou para comprovar isso foi o de um homem possuidor de um fetiche por um suporte atlético que poderia ser usado como calção de banho. Essa peça cobria por completo os órgãos genitais, ocultando a distinção sexual. Pela análise, esse comportamento significaria que há uma afiguração psíquica que ao mesmo tempo representava as mulheres como castradas e como não castradas. Além disso, esse fetiche permitiria a hipótese de que os homens eram castrados, pois essa hipótese podia ser ocultada sob o suporte, sendo que o primeiro artifício usado para isso na infância do paciente foi a folha de parreira de uma estátua. Sobre esse fetiche, talvez o que de mais extraordinário nos sugeriria é:

Um fetiche desse tipo, duplamente derivado de ideias contrárias, é, naturalmente, especialmente durável. Em outros casos, a atitude dividida se mostra naquilo que o fetichista faz como o fetiche, seja em realidade ou em imaginação. [...] A afeição e a hostilidade no tratamento do fetiche – que correm paralelas com a rejeição e o reconhecimento da castração – estão mescladas em proporções desiguais em casos diferentes, de maneira a que uma ou outra seja mais facilmente identificável (FREUD, 1996, p. 159).

O terceiro exemplo de *clivagem* nesse texto é ilustrado através da ambivalência no conteúdo do fetiche do comportamento do *coupeur de nattes*, um tipo de perverso que obtém prazer cortando cabelos

femininos. Nesse caso, a necessidade de efetivar a castração rejeitada veio como parte preponderante do fetiche. Esse tipo de comportamento denotaria duas ideias contrárias em si, a saber, “a mulher ainda tem pênis” e “meu pai castrou a mulher” (FREUD, *loc. cit.*). Como observa Freud, esse caso é similar à outra variante do *fetichismo* encontrado no costume chinês pela psicologia social. Essa variante consiste em mutilar os pés femininos para, logo em seguida, idolatrá-los como fetiche. Freud sugere uma interpretação desse fetiche da seguinte maneira: é como se o homem chinês desejasse agradecer à mulher pelo fato de ela ter sido castrada. Essa é uma das razões pelas quais fez Freud afirmar que o fetiche possui várias sutilezas e enorme plasticidade em suas descrições específicas.

Por fim, não poderia deixar de mencionar a declaração de Freud no final do texto, reafirmando o *complexo de castração* como uma imbricação fundamental ao *fetichismo*, cujo estudo dos mecanismos eliminaria qualquer dúvida sobre a existência desse complexo, bem como do temor da primeira percepção visual do menino frente ao órgão feminino. Pela alusão de uma tese de Alfred Adler (1870-1937) sobre a *inferioridade de órgãos* como fundamento das *neuroses* em geral, Freud termina o texto declarando:

[...] o protótipo normal dos fetiches é um pênis de homem, assim como o protótipo normal de órgãos inferiores é o pequeno pênis real de uma mulher, o clitóris (FREUD, 1996, p. 160).

Tese essa que será, mais tarde, combatida de modo veemente pelas feministas.

A OBRA A DIVISÃO DO EGO NO PROCESSO DE DEFESA (1938) COMO “ADENDO” À OBRA FETICHISMO

A Divisão do Ego no Processo de Defesa (1938) é um pequeno texto inacabado e póstumo de Freud que contemplou um componente muito importante para se entender a teoria freudiana dos processos mentais, pois foi nele que o autor fez uma relação, de modo mais explícito, entre o *desmentido* (*Verleugnung*) e a *clivagem do Eu* (*Spaltung*). Em certo sentido, pode-se afirmar que esse texto é, na verdade, uma continuação do texto *Fetichismo*, em que essa relação já teria sido preestabelecida.

Na *A Divisão do Ego no Processo de Defesa*, Freud comentou um caso de um paciente que há dez anos, quando ainda era jovem, tinha se comportado de maneira um tanto quanto peculiar em termos de resolução de um conflito psíquico. Esse conflito se caracterizaria pela confrontação entre um impulso e a possibilidade real de sua satisfação. Em geral, duas opções óbvias e excludentes entre si resultariam de tal confrontação para resolver esse conflito: a primeira, através do reconhecimento da impossibilidade de efetivar o impulso, assim, renunciando-lhe; a segunda, através da rejeição da realidade dada pela satisfação do instinto. No entanto, para espanto de Freud, ocorreu um fato *sui generis* de resolução de conflito psíquico nesse caso, pois a estrutura psíquica do referido paciente foi conduzida quando criança pelas duas opções, ou seja, conservou a satisfação do instinto mesmo reconhecendo a realidade. Muito embora essa engenhosa resolução de conflitos psíquicos ocasionasse uma cisão do *Eu* com previsão mínima de cura e com a

possibilidade de aumentar ao passar do tempo. Essa cisão pareceu espantosa a Freud pelo fato de o *Eu*, de modo geral, seguir uma propensão à síntese, isto é, um componente de um conflito sempre obnubilaria o outro, mas de modo algum coexistiria no mesmo *Eu*.

Além desse caso, Freud comentou um outro em que um menino, estando entre os três ou quatro anos de idade, teve o reconhecimento dos órgãos femininos através de uma menina mais velha que o seduziu. Depois de a relação acabar, o menino começou a se estimular sexualmente através do hábito da masturbação. Num dia, ele foi flagrado pela babá se masturbando. Ela, então, ameaçou-o de castração através da figura do pai. Assim, esse fato teria tudo para se caracterizar como um enorme susto diante da castração, porém, num primeiro momento, o menino não reconheceu a ameaça de castração, conjeturando a ideia de que o órgão que lhe proporcionou tanto prazer não poderia ser, assim, castrado de súbito. Na verdade, a ameaça de castração, advinda da observação do órgão sexual feminino de sua amante e da ameaça da babá, foi rejeitada pelo grande investimento de prazer dado ao seu pênis de modo prematuro. Todavia, o reconhecimento da ameaça de castração seria um fato inevitável, ocorrendo mais cedo ou mais tarde. Desse modo, depois que esse reconhecimento ocorreu, o paciente criou um substituto para o pênis castrado do sexo feminino, ou mais precisamente, criou um fetiche, rejeitando a realidade da castração e preservando o próprio pênis de ser castrado. Em suma, embora o menino conjeturasse uma perda do pênis,

conjecturou também que poderia recuperá-lo. Ora, segundo as observações de Freud até então, quando a criança é acometida pelo *complexo de castração*, normalmente, ela reprime seus instintos investidos no pênis, reconhecendo assim a castração. Se o reconhecimento de realidade de castração fosse rejeitado pela criança, configurar-se-ia numa *psicose*. No entanto, nesse caso narrado, não há uma mera alucinação típica de uma *psicose*, mas um deslocamento do valor libidinal para outra parte do corpo. Como declarou Freud:

O menino não contradisse simplesmente suas percepções, e alucinou um pênis onde nada havia a ser visto; ele não fez mais do que um deslocamento de valor – transferiu a importância do pênis para outra parte do corpo, procedimento em que foi auxiliado pelo mecanismo de regressão (de uma maneira que não precisa ser explicada aqui). Esse deslocamento, é verdade, relacionou-se apenas ao corpo feminino; com referência a seu próprio pênis, nada se modificou (FREUD, 1972c, p. 311).

Por isso que o menino pôde se masturbar sem perigo, pois não reconheceu a ameaça de castração, por outro lado, de modo paradoxal, desenvolveu um sintoma que demonstrou o reconhecimento desse perigo, quando deslocou o valor investido ao pênis para outra parte do corpo. Esse deslocamento de valor libidinal é nada mais do que a manifestação de um fetiche formado justamente no momento em que ele reconheceu a ameaça de castração pela figura do pai. Com efeito, ocorreu, evidentemente, um *desmentido* da ameaça de castração, ocasionando uma *clivagem* no interior da psique do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na minha exposição do termo *fetichismo freudiano*, tentei enfatizar o seu aspecto genealógico e contextual, por isso optei em descrever tantos os casos particulares como o desenvolvimento das noções desse termo. De certa forma, isso ilustraria a dimensão histórico-social da psicanálise, visto que não é uma ciência que pautar por um tipo de objetivismo restrito¹⁵. Suas descrições estão embasadas em noções clínicas relatadas no âmbito cultural e social, cujas determinações são dadas pelas variações de tempo e de espaço. Sob essa rubrica, pode constar que o *fetichismo freudiano* está inserido em cinco momentos distintos através das respectivas obras conforme foram demonstrados no presente artigo:

¹⁵ Segundo Joel Birman (1946), o problema da cientificidade das teorias de Freud se estabelece pela impossibilidade de fundamentar a psicanálise pela causalidade ao molde de uma ciência mais “dura”. Somente posteriormente nas figuras de Lacan e Foucault que a psicanálise resolveu esse problema de fundamentação epistemológica, deslocando-se para outros campos do saber: “Para ambos [Lacan e Foucault], portanto, não é mais a problemática da cientificidade da psicanálise que está em pauta nos anos setenta, mas as *problemáticas da ética, do poder e do desejo*” (BIRMAN, 1994, p. 53). Além disso, segundo três críticas de Wittgenstein, Freud postulou pseudo-explicações de tal forma que fez com que a psicanálise se transformasse numa poderosa mitologia através da falta de clareza conceitual, cujos problemas epistemológicos mais patentemente “são [1] o substantivar a palavra ‘inconsciente’, [2] o confundir causas com razões e [3] o imaginar que exista efetivamente uma linguagem do sonho” (*Apud* MARGUTTI PINTO, 2000, p.187). Diante dessas críticas, o método de interpretação seria absolutamente infundado como ciência.

- [1] *Três Ensaio sobre a Teoria Sexual* (1905), mantendo a concepção de Binet.
- [2] *Sobre a Gênese do Fetichismo*, comunicação apresentada para a reunião da Sociedade de Psicanálise de Viena, em 1909, em que há uma relação entre *fetichismo* e o *recalcamento parcial*, estabelecendo já uma concepção freudiana original do termo.
- [3] *Uma Lembrança de Infância de Leonardo da Vinci* (1910), vinculando o *fetichismo* ao *complexo de castração* e contribuindo novamente para uma concepção original.
- [4] *Fetichismo* (1927), relacionando o conceito de *fetichismo* ao de *desmentido* (*Verleugnung*) e estabelecendo uma relação entre o processo do fetiche e a *clivagem do Eu*.
- [5] *A Divisão do Ego no Processo de Defesa* (1938), confirmando as afirmações do texto *Fetichismo* sobre a *clivagem* e o *desmentido*.

Além disso, a exposição do *fetichismo* tendo em vista seu desenvolvimento conceitual na obra de Freud, de fato, confirmou três razões de sua importância: [1] sua relação com o *complexo de castração*; [2] o estabelecimento do *desmentido*; [3] a vinculação ao processo de *clivagem* como constituinte do *Eu*. Muito embora não pudesse tratá-las com apuro, pois extrapolaria o objetivo do presente artigo, essas razões sugerem um desenvolvimento conceitual do *fetichismo* numa tentativa de sofisticação de seu sentido com intuito de formular uma teoria geral da mente e não somente uma nosologia de doenças psíquicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, Joel. *Freud e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. Os Impasses da Cientificidade no Discurso Freudiano e seus Destinos na Psicanálise. In: BIRMAN, J. *Psicanálise Ciência e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, volume III, p. 28-53.

FREUD, Sigmund. Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade (1905). In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1972a, volume VII, capítulo I: *As Aberrações Sexuais*, p. 119-162.

_____. Sigmund. Leonardo da Vinci e Uma Lembrança da sua Infância (1910). In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1972b, volume XI, p. 53-124.

_____. Sigmund. Fetichismo (1927). In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996, volume XXI, p. 151-160.

_____. Sigmund. A Divisão do Ego no Processo de Defesa (1938). In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1972c, volume XXIII, p. 306-312.

LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins fontes, 2001.

MARGUTTI PINTO, P. R. Freud e Wittgenstein: A Perspicácia do Cientista e a Sabedoria do Filósofo. In: TEIXEIRA, A. & MASSARA ROCHA, G. (Org.). *Dez Encontros: Psicanálise e Filosofia – O Futuro de um Mal-estar*. Belo Horizonte: Opera Prima, 2000.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michael. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SAFATLE, Vladimir. *Fetichismo: Colonizar o Outro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.